

ENTRE A FICÇÃO E A TRADIÇÃO: A CONFIGURAÇÃO DA CULTURA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA EM *RECLUSOS DO TEMPO*, DE ALEX DAU

BETWEEN FICTION AND TRADITION: THE CONFIGURATION OF CULTURE AS A SPACE OF MEMORY IN "RECLUSOS DO TEMPO", BY ALEX DAU

Recebido: 18/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2821

Juma Manuel¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8453-6520>

Cherita Lapissonne²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3506-4736>

Resumo: Este texto assenta-se em fazer um estudo sobre a configuração da cultura como espaço de memória, procurando problematizar como se processa a imbricação entre a ficção e a tradição na obra *Reclusos do Tempo* (2017), do escritor moçambicano Alex Dau. Com base em pressupostos da teoria decolonial, esta pesquisa visa interpretar as imagens e os aspectos fundamentais ínsitos nos contos de Alex Dau, a partir das marcas de moçambicanidade, mostrando até que ponto, com base em temáticas de cariz social e cultural, a narrativa *Reclusos do Tempo* espelha valores estéticos que configuram o imaginário cultural de Moçambique. Com recurso ao método bibliográfico, concebemos a base teórica que sustenta a análise literária encetada, porquanto foi possível demonstrar, por conseguinte, os elementos simbólicos de que o autor se serve para a expressão da identidade moçambicana.

Palavras-chave: Imaginário cultural; Espaço de memória; Tradição; Moçambicanidade.

Abstract: This text is based on a study on the configuration of culture as a space of memory, seeking to problematize how the imbrication between fiction and tradition is processed in the work "Reclusos do Tempo" (2017), by the Mozambican writer Alex Dau. Based on presuppositions of the decolonial theory, this research aims to interpret the images and the fundamental aspects in the tales of Alex Dau, from the markings of Mozambicanity, showing to what extent, based on social and cultural themes, the narrative "Reclusos do Tempo" mirrors aesthetic values that shape the cultural imaginary of Mozambique. Using the bibliographic method, we designed the theoretical basis that supports the literary analysis undertaken, as it was possible to demonstrate, therefore, the symbolic elements that the author uses for the expression of Mozambican identity.

Keywords: Cultural imagination. Memory space. Tradition. Mozambicanity

Introdução

Na obra *Reclusos do Tempo* (2017)³, o escritor Alex Dau discute os ditames do quotidiano rural e embrenha-se no imaginário profundo da condição de ser moçambicano, desenvolvendo na escrita uma das pedras angulares da construção da

¹ Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Doutorando em Literaturas e interfaces, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil. Bolsista pela CAPES, 2022. E-mail: jumadacrisma@ymail.com

² Graduada em Ensino de Português, pela Universidade Púnguè, Moçambique. E-mail: cherita.oulio.lapissonne88@gmail.com

³ Doravante, nos exemplos, *RT*.

identidade nacional. Assim, pela relação que se estabelece entre a prática contística alexiana e a terra, esta obra de ficção coloca a cultura como um espaço de memórias e que desempenha uma função de relevo na construção do significado social nas comunidades rurais moçambicanas.

Ora, à luz de uma leitura decolonial, procuramos compreender o valor das diferentes manifestações culturais, tradicionais, crenças, costumes e rituais descritos nesta obra e a sua importância para a legitimação da moçambicanidade na contemporaneidade.

Com efeito, este trabalho afigura-se premente, porquanto serve como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da literatura moçambicana, fornecendo informações e conhecimentos sobre a cultura e personagens intrinsecamente ligadas ao imaginário cultural moçambicano.

Metodologicamente, tal como em qualquer outro trabalho de investigação, este também teve de seguir uma determinada metodologia, utilizando diversas técnicas adequadas à sua efectivação. Nesse sentido, através do método bibliográfico, encontramos as diversas teorias que suportam a análise literária encetada, sem, no entanto, descurarmos outros que mantêm comunicabilidade intrínseca com a identidade cultural.

A cultura como espaço de tradição e de memória

No nosso dia-a-dia, é-nos comum acompanhar que cada sociedade possui sua determinada cultura, sua visão do mundo e, portanto, seu modo de expressão identitária. Assim, buscamos compreender, neste espaço, o sentido da tradição como um elemento da cultura e esta como um espaço de memória.

Na visão de WOODWARD (2000, p. 37), falar em tradição “remete ao passado e ao presente e porque não dizer ao futuro. Trata-se de um termo que convida a pensar em hábitos, valores, crenças, rituais, práticas e costumes que fazem referência a uma herança cultural”.

Para HOBBSAWM (2008, p. 10), “práticas de natureza ritual ou simbólica, têm como objetivo disseminar valores e normas comportamentais através de processos de repetição que, normalmente, apresentam alguma relação de continuidade com o passado”. Este autor vai mais longe rematando que tal ideia de tradição possui um carácter invariável, em contraposição aos costumes nas sociedades tradicionais.

Nota-se o aludido nos pressupostos acima expostos nas seguintes transcrições da obra:

O conselho de anciãos, constituído por dez indivíduos, dirigido pelo madoda Madende, depois de várias reuniões e consultas, chegou a única solução: “Satisfazer o espírito do rei, que, em tempos idos, governava aquela terra”. O pacto assumido entre o conselho de anciãos e o espírito do rei N'dani, mediado pelo curandeiro Ovuza, consistia em ofertar uma belíssima donzela, em troca da fertilidade do solo. (RT, p. 23)

Conta-se, nesta narrativa, a história de uma aldeia em que a terra não produzia por falta de sacrifício ao espírito do rei. De acordo com a tradição africana, os anciãos são os responsáveis pela discussão da situação e os representantes mais velhos são designados pelo linguajar “madoda”. Uma das coisas que mais nos chama atenção nesta transcrição é a questão de satisfação aos espíritos por meio de sacrifícios de donzelas que passam pela prática de ritos de iniciação.

Nesse sentido, por se exigir uma escolha, era necessário juntar os habitantes das aldeias, como se pode constatar a seguir:

O tocador de palaza, fez soar o seu instrumento convocando todos os seus habitantes. O som alcançou a maioria dos aldeãos, que voltavam das suas machambas castigadas pelo espírito maligno. (RT, p. 24)

Nos tempos antigos, a convocatória era feita por meio de fumo e som de batuques ou, no caso destas aldeias, por meio do instrumento designado de **palaza**. Esta manifestação descreve a tradição moçambicana e, por conseguinte, a sua presença nesta obra legitima a moçambicanidade, porquanto descreve as práticas ritualísticas do ambiente rústico, que fazem parte da cosmovisão identitária moçambicana.

De acordo com CASTELLS (1999, p. 21), a “identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. Não se tem conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro não seja estabelecida”.

Veja-se o exemplo da consideração feita no parágrafo precedente na seguinte passagem da obra:

Samage marchava pela floresta densa do interior em revista às armadilhas que montava. Caiu no desânimo, quando nada encontrou. O braço que empunhava a azagaia amoleceu. Já vinha de regresso, quando, de súbito,

uma ratazana se movimentou perto de si. O alento reapareceu, e Samage empunhou a azagaia e disparou convicto, acertando no animal. (RT, p. 24)

Ora, como se pode depreender, enquanto decorriam as cerimónias de escolha da donzela para o sacrifício, Samage encontrava-se a realizar uma actividade típica da vida campestre, a caça. Note-se que, nesta transcrição, temos elementos rústicos da tradição moçambicana que nos servem de marcas identitárias, a saber: a armadilha, a azagaia e a ratazana, todos estes ligados à caça realizada na floresta.

Pelo que ficou dito, uma das formas que patenteia inequivocamente a cultura moçambicana é a relação que se estabelece com a ancestralidade, ou seja, a influência dos antepassados nas nossas vidas. Veja-se a manifestação desse pormenor no trecho a seguir:

O primeiro salto executado pela fera resultou em fracasso, e Samage escapou em direcção à mata em busca de melhor posição. Suplicou desesperado auxílio aos seus antepassados, numa prece que solenemente lhes dirigiu. Beijou o talismã que herdara do seu pai. (RT, p. 26)

Assim, perante a dura situação de luta contra o espírito encarnado em Leão, Samage pediu ajuda aos antepassados pois reconhecia a força que estes teriam contra o feroz animal. Como resultado, percebemos mais adiante que ele venceu a fera com ajuda dos seus ancestrais e o fim foi:

Malia reencontrou o seu amado no momento em que ele despertava e balbuciava o seu nome [...] Uma dupla cerimónia foi efectuada. Uma, para cimentar a morte espiritual de N'dani, e outra para selar o matrimónio dos amantes. (RT, p. 27)

Enfim, no ato de claro sentido de pertença ao território da cultura moçambicana e a fraternidade que a caracteriza, uma realidade lírica observa-se no final da história, numa situação em que Malia reencontra o seu amor, após derrotar o espírito. Um verdadeiro final feliz que culminou com o matrimónio e o esquecimento do espírito vingador.

Depois desta panorâmica sobre os elementos culturais subjacentes à narrativa alexiana, embrenhamo-nos, de seguida, na dimensão metafórica do espaço e na potência que esse aspecto estabelece sobre a construção de identidades.

A metáfora do espaço em *Reclusos do Tempo*

“A narrativa precisa de um lugar onde as personagens possam reunir-se, trocar idéias e fomentar as ações” (COSTA, 2013, p. 114). É fundamental esta concepção desta autora, pois o espaço condiciona a forma de ser das personagens. Nesta perspectiva, para corroborar este pensamento, Trentin Raquel Oliveira avança que:

As personagens que falam em um romance ou das quais o narrador nos fala estão em algum lugar. Todavia, não se fala, não se age do mesmo modo num salão, numa cozinha, num bosque ou num deserto; assim as acções e as falas das personagens entram em relação (em acordo ou desacordo) com um determinado lugar. (OLIVEIRA, 2008, p. 8)

Desta maneira, o autor conclui que o estudo minucioso da construção e do funcionamento do espaço na estrutura e na semântica da narrativa é fundamental, inclusive para se chegar a compreender as implicações ideológicas, antropológicas, culturais e estéticas que subjazem à configuração de determinada obra. No conto *Zona Quente*, temos a seguinte passagem:

Apesar do vento leve que soprava e arrancava muitas coisas das árvores, podia-se afirmar que o Verão era rigoroso e convidativo e muitos cidadãos recorriam a este e aquele bar para se refrescarem ao sabor de uma cerveja. (RT, p. 67)

Como destacado anteriormente por COSTA (2013, p. 114), é no espaço em que as personagens desenvolvem as suas ações numa determinada narrativa. Percebe-se, neste conto, o espaço a ser referenciado “bares”. Porém, as personagens, segundo OLIVEIRA (2008, p. 8), agem consoante o espaço em que estão inseridos, por esta razão que, no conto em análise, no verão, as pessoas recorriam aos bares para refrescarem tomando cerveja, pois aquele é o lugar ideal para tal ação.

Em *Origem do Drama Trágico Alemão*, Walter Benjamim explica que:

A concepção do espaço literário é nos importante para análise da obra em questão porque nela o espaço, assim acreditamos, é caracterizador das dimensões que circundam os personagens e, sobretudo, reflexo do ponto de vista que enquadra os acontecimentos na obra, aflorando, a nosso ver, uma concepção ideológica dos factos narrados. (BENJAMIM, 2004, p. 67)

Como diz DIMAS (1986, p. 23), no seu livro *Espaço e Romance*, são várias as componentes da narrativa de um texto, dentre os quais o espaço pode merecer

estatuto tão significativo quanto os demais. O espaço pode aparecer como componente fundamental e prioritário no desenvolvimento da acção num texto.

Neste estudo, pretendemos discutir a simbologia do espaço à luz da dimensão alegórica na narrativa.

Espaço alegórico

Na visão de MOISÉS (1999, p. 13), “a compreensão etimológica da palavra alegoria permite apreender que esta consiste em um discurso que faz entender outro, numa linguagem que remete à outra”. Portanto, no acto das narrativas, o autor esclarece que:

A narração constitui o expediente mais adequado à concretização do mundo abstrato, tem-se como certo que a alegoria implica sistematicamente um enredo, teatral ou novelesco. Depreende-se daqui que equivale a alegoria a uma sequência logicamente ordenada de metáforas; quer dizer, o acordo entre o plano concreto e o plano abstrato processa-se numa relação biunívoca, elemento a elemento, e não em sua inteireza. (MOISÉS, 1999, p. 15)

Na passagem abaixo, retirada do conto *Minha Alma Gémea*, constatamos um fenómeno que se deu no mundo abstrato e que se concretiza no plano físico. Confira-se:

Não vi Samuel por perto e nem me importei. Caminhei em direcção à palhota. Lembrei-me com saudade da negra de seios tesos. Se não podia tê-la nesta noite, de seu brilhando de estrelas e pirilampos reluzindo ali e acolá, que pelo menos, sonhasse com ela, mendiguei aos espíritos de Uila [...] Realmente deparei uma mancha avermelhada cobrindo uma porção da esteira. Ignorava por completo as origens do sangue, talvez fosse de alguma hemorragia nasal durante a noite. No entanto a dúvida prevaleceu nas nossas mentes [...] Midanga arregalou os lábios carnudos no sorriso sedutor. Ressuscitei confiante.

– Terás de casar com ela, porque lhe tiraste a virgindade, assim manda a nossa tradição. (RT, p. 39-40)

O trecho descreve o momento em que o João e o Samuel queriam descansar da sua longa caminhada e do cansaço da festa, porém o João não sabia onde estava o seu amigo Samuel e decidiu ir à palhota para descansar. Durante a festa, o João havia gostado de uma rapariga de nome Midanga, mas não conseguiu falar com ela, o que fez com que ele pedisse aos espíritos que pudesse, no mínimo, tê-la nos sonhos. No dia seguinte, mais cedo, o Samuel fora despertar o seu amigo na palhota e viu mancha de sangue na esteira onde estivera a dormir e perguntou se o amigo

estava ferido, mas ele disse que não e ficaram admirados pela origem daquele sangue e continuaram com a sua viagem sem contar a ninguém o que havia acontecido.

Na mesma manhã, o régulo mandou algumas pessoas para chamá-los pois havia um problema e que eles não deveriam prosseguir com a viagem antes de resolvê-lo. referiu-se o régulo, de forma mágica, que o João havia desvirginado a Midanga nos seus sonhos e aquele sangue era resultado do acto e o abrigaram a se casar com ela. Com base neste acontecimento, percebemos a manifestação do espaço alegórico, em que o espaço do sonho (abstrato), onde acontecera o acto sexual, concretizou-se no espaço real através da presença do sangue. Percebe-se que, esta ligação entre o acontecimento do acto no abstrato e o resultado no físico, fez com que o João pudesse se casar obrigatoriamente com a mulher com a qual se relacionou, mesmo que não fosse fisicamente.

Estabelecendo uma comparação entre alegoria e metáfora, João Adolfo Hansen tece os seguintes considerandos:

Como simbolismo proposicional analógico, a alegorização se faz, ainda, segundo dupla orientação. No encadeamento do discurso, ela metaforiza uma expansão das analogias: em cada ponto do discurso, repete um significado ausente, orientando-se para “fora” ou para “outro” diverso daquilo que vai sendo exposto. Assim, a alegoria é não só metáfora (substituição) mas também anáfora (repetição). (HANSEN, 2006, p. 82)

Desta maneira, o autor observa que a alegoria existe como força de uma tensão superficial que se estabelece pela repetição, pois, conforme dito, compõe-se por um feixe de metáforas que demandam uma organização e uma coerência.

Por seu turno, ZUBIAURRE (2005, p. 54) afirma que para podermos nos expressar nesse universo instável e cambiante, “a alegoria se configura como um termo exemplar: dizemos uma coisa sabendo que ela significa outra; remetemos com frequência a outros níveis de significação, quase sempre distintos daquele em que nos situamos”. Veja-se, ainda, a seguinte passagem retirada do mesmo conto *Minha Alma Gémea*:

Nos últimos dias, minha vida era um inferno, tinha visões com uma criatura gigantesca, que se assemelha a uma árvore.
Quando contei a minha mãe, ela não se surpreendeu.
– Meu filho, finalmente chegou o dia.
– Começou ela serena – o teu pai queria tanto ter um filho varão, por isso prometeu que na terra onde nascesses, plantaria uma árvore e cuidaria dela como se fosse um filho [...] (RT, p. 36-37)

No mesmo conto, há ocorrência desta passagem que se deu antes da descrita anteriormente, no momento em que o João viajava para aquela terra em busca de uma árvore que o pai havia plantado. A tal árvore, o pai plantara em simbologia ao seu desejo de ter um filho varão e quando o teve (João) plantou a árvore e fez uma cerimônia. Contudo, quando cresceu começou a ter visões com uma criatura gigantesca que se assemelhava a uma árvore. Há uma metáfora espacial que se regista nesta passagem, por meio da comparação entre o animal e a planta, em que se estabelece entre o abstrato (visões) e o físico (local onde havia sido plantada a árvore). É importante destacarmos aqui um aspecto deveras importante na cultura moçambicana, em que as árvores são simbólicas, como acontece quando os líderes locais morrem e no seu túmulo plantam uma árvore em reverência à sua grandeza e força, tal como o pai do João fizera.

Neste mesmo contexto, na esteira do entendimento de HANSEN (2006, p. 82), no discurso alegórico, constata-se a ausência de significado, tal como percebemos no trecho do conto que nas visões o João não sabia o significado da relação entre o animal gigantesco que se assemelhava a uma árvore, o que fez com que recorresse à sua mãe para esclarecimentos. Foi, portanto, por meio dela que ele percebeu que o pai havia plantado uma árvore porque desejava tanto ter um filho varão. Assim, ele decidiu achar aquela árvore para finalmente encontrar uma solução para aquelas visões.

A relação do espaço com o tempo pode ser mais bem compreendida se pensarmos que a narrativa “apresenta os acontecimentos que preenchem uma fase do tempo e não a própria fase temporal correspondente em si mesma, isto é, o tempo é representado pelo curso da vida das personagens” (COSTA, 2013, p. 260). Veja-se, a seguir, a seguinte transcrição do conto *Reclusos do Tempo*, que dá título à obra:

Horas antes, Makene e os seus seguidores ajoelhavam-se diante do embondeiro sagrado, pactuando um acordo com os seus ancestrais, para apaziguar o tempo, pois o dia afogara-se nas trevas facultadas pela ira dos espíritos que se haviam revoltado.

– Rogo-vos que devolvais o bem estar à minha gente! – sua prece foi abafada pelo vento que assobiava.

– Faremos tudo o que for preciso! – seu rogo foi devorado por um ribombar de um trovão.

Só depois de várias horas de negociação, eles decidiram privar o régulo do seu corpo, enquanto o seu espírito ficava vagueando pela terra. Os espíritos haviam-se vingado da ousadia de Makene. (RT, p. 43-44)

O conto começa por descrever momentos misteriosos e de pavor que aconteciam na zona de Duanga, em que ventos fortes e chuvas abundantes destruíam palhotas, machambas, árvores, entre outras coisas e depois de um tempo tudo voltava ao normal. Por conta disso, os moradores questionavam-se pela razão de tais acontecimentos, o que fez com que o régulo Makene fosse se sacrificar no embondeiro sagrado para que houvesse sossego na região. Porém, as suas petições foram rejeitadas pelos espíritos ancestrais, o que fez com que o seu espírito fosse privado do seu corpo, dada a sua ousadia que levou os ancestrais a tal vingança.

Ora, como nos referimos anteriormente, as árvores possuem grandes significados no território das tradições africanas, tal como nesta passagem que o embondeiro sagrado simboliza o lugar de descanso dos ancestrais e o templo de pedidos. Percebe-se aqui que o tempo está relacionado com o espaço por meio da vida das personagens, como se descreve a seguir:

A trégua dada pelos espíritos era para procederem ao funeral de Makene e realizarem o ritual de oferecimento que os ancestrais exigiam para que a vida em Duanga voltasse a normalidade. (RT, p. 44)

Percebe-se, nesse sentido, que o mau tempo fora provocado pela falta de sacrifícios de oferendas em que o povo deveria fazer uma festa e cerimónias depois das colheitas. Porém, nesse ano, por causa da fraca produção, não foi possível realizar este evento. Portanto, a trégua dada pelos espíritos envolvia a realização da cerimónia para que a região voltasse a normalidade. Assim, o povo pediu ajuda a outras aldeias para que se realizasse a tal cerimónia. O conto termina por afiançar, num tom ufanista, que:

O mukutho recomeçou, o céu reabriu, o sol foi espreitando gradualmente, emitindo seus raios de luz dourados, que se reflectiam nas dentaduras encardidas dos Duanganas, que sorriam felizes. (RT, p. 47)

Feita a cerimónia, o povo foi liberto do castigo que os espíritos haviam imposto aos moradores de Duanga e já se viam os raios do sol e a tempestade havia desaparecido. Com isto, considera-se que o movimento físico ou imaginário através do espaço, por exemplo, produz a ilusão do tempo: as personagens, ao se moverem no espaço, parecem avançar ou retroceder no tempo.

Considerações finais

A presente empreitada interpretativa comportou um estudo sobre a cultura como espaço de memória na obra *Reclusos do Tempo* do escritor moçambicano Alex Dau, na qual constatamos a materialização do principal objetivo que alimentou esta hermenêutica: compreensão do valor das diferentes manifestações culturais, tradicionais, crenças, costumes e rituais descritos nesta obra e a sua importância para a legitimação da moçambicanidade na contemporaneidade.

Por meio da análise, percebemos que, na obra *Reclusos do Tempo*, há espécie de um realismo que se manifesta por meio da representação, descrição e recensão à realidade vivida em diferentes comunidades rurais moçambicanas, consoante os valores culturais e sociais. Por outro lado, a obra alexiana denota algum cantar de rusticidade que se cinge em descrever a vida rural, envolvendo aspectos históricos, culturais, sociais e estéticos, através do uso da retórica epidítica.

Da análise feita, constatamos ainda que *Reclusos do Tempo* busca valores nos modelos da tradição africana, expressando assim uma cosmovisão atrelada à realidade africana no geral, e moçambicana em particular. Desta feita, a cultura como espaço de memória manifesta-se na narrativa alexiana pela incorporação dos cultos dos ancestrais, diversos rituais tradicionais e o sistema de crenças em geral.

A ligação da obra de Alex Dau com a identidade moçambicana foi logo colocada neste estudo como premissa, ou seja, o horizonte da análise colocava a narrativa alexiana numa visão de legitimação da moçambicanidade, quanto mais não fosse a presença de configuradores identitários como as tradições e contornos rústicos.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Trágico Alemão*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gehardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Maria Emília Martins da. *A significação do espaço no romance "o vendedor de passados"*. Universidade Federal de Ouro Preto. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

DAU, Alex. *Reclusos do Tempo*. 2ª Edição. Maputo: Oleba Editores, 2017.

DIMAS, António. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

HANSEN, João Adolfo. *A alegoria - estado da questão*. In: Alegoria. Construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Atual, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Pensamento Cultrix, 1974.

OLIVEIRA, Raquel Trentin. *A configuração do espaço: uma abordagem de romances Queirosianos*. Santa Maria: RS-Brasil, 2008.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: 1/J EDITORA, 2000.

ZUBIAURRE, Maria Teresa. *El espacio em la novela realista: paisajes, miniaturas, perspectivas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.